

Tradução

*Max Weber: Lettre à Else Jaffé du 13 septembre 1907 -
Présentation: Science et vision du monde*

Max Weber

Carta a Else Jaffe de 13 de setembro de 1907*

Renée Avigdor e Yumi Garcia dos Santos
Revisão Técnica de Antonio Flávio Pierucci

APRESENTAÇÃO: CIÊNCIA E VISÃO DE MUNDO

A carta de Max Weber endereçada a Else Jaffé de 13 de setembro de 1907 é primeiramente a resposta vivaz de um professor à sua ex-orientanda¹ que lhe entregou, para ser publicado nos *Archiv für Sozialwissenschaft und Soziapolitik*, um artigo do psiquiatra Otto Gross. Weber se recusa veementemente a publicar o texto desse último, intitulado “Über psychologistische Herrschaftsordnung. I. Der psychologismus seit Nietzsche und Freud”². O principal motivo dessa recusa é que Otto Gross, em seu trabalho³, não respeita a diferença entre uma abordagem ética e uma análise científica. De fato, Gross quer fundar uma ética social baseada nos resultados da psicanálise. Para Gross, a origem dos distúrbios psíquicos reside na *mais ou menos* boa adaptação do indivíduo na sociedade. A sociedade e a cultura não são entendidas como o resultado de uma sublimação benéfica ao indivíduo, mas diferentemente de Freud e mesmo de Jung, são essencialmente entendidas como os indícios de uma opressão. A psicanálise deve, então, conduzir à anulação dos efeitos da educação, em favor da restauração dos estímulos individuais supostamente primários e

* Texto original em Max Weber, *Max Weber Gesamtausgabe Abteilung II*, Band 5: *Max Weber Briefe (1906-1908)*, M. Rainer Lepsius und Wolfgang J. Mommsen (Hrsg.) in Zusammenarbeit mit Birgit Rudhard und Manfred Schön, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1990, pp.393-403. A tradução foi realizada sob a direção de Jean Pierre Grossein no âmbito de um grupo de trabalho sobre Max Weber criado por Patrice Duran no Departamento de Ciências Sociais da Ecole normale supérieure de Cachan. O grupo agradece François Chazel pelos constantes conselhos e apoio.

¹ Else Jaffé von Richtofen (1874-1973) foi a primeira doutoranda de Max Weber. Em 1901, ela defendeu uma tese de doutorado em economia política na Universidade de Heidelberg. Seu marido, Edgar Jaffe, é co-diretor da Revista juntamente com Sombart e Weber. Para maiores detalhes biográficos sobre as relações entre Weber e Otto Gross ver Martin Green, *Les soeurs von Richtofen. Deux ancêtres du féminisme dans l'Allemagne de Bismark face à O. Gross, Max Weber et D.H. Lawrence*, traduzido do inglês por Stéphanie Giler. Paris. Le seuil.1979.

² “Sobre a dominação psicologista. I. O psicologismo a partir de Nietzsche e Freud”. O texto de Otto Gross não está mais disponível. Weber indica no início de sua carta que o devolveu à Else.

³ Parece que Weber faz distinções entre os diferentes trabalhos de Gross, como ele atesta no final da carta, e se remete ao julgamento elogioso dos especialistas a respeito de seus outros trabalhos. Na mesma época, em 27 de fevereiro de 1908, Freud escrevia a Jung: “você é o

saudáveis. O imoralismo sexual seria então a via que permitiria ao neurótico reencontrar um estado verdadeiramente saudável⁴. A análise científica das neuroses leva a um questionamento dos valores sociais⁵ e de uma prática individual subversiva. Paralelamente aos seus trabalhos científicos, Gross atua nos meios anarquistas e boêmios do *quartier* Schwabing em Munique. Desse modo, tenta chegar cada vez mais perto das conseqüências éticas e políticas de suas análises científicas⁶. Assim, contribui cada vez mais para a radicalização do movimento feminista alemão, indo de encontro à posição de Marianne Weber⁷.

Max Weber refuta essa mistura de gêneros e relembra a distinção entre “ciência” e “visão de mundo”, que deve ser fundamental e sem a qual a possibilidade de uma pesquisa científica digna de seu nome não estaria garantida. Na carta de Else Jaffe, Weber opõe, num jogo de palavras, “o pesquisador de ciências naturais” [*Naturforscher*] ao “naturalista” [*Naturalist*] que fundamenta a sua ética baseada em uma análise científica. A análise sociológica não deve defender valores, ela pode, ao contrário, analisá-los como fatos ou identificar os pressupostos⁸. Todavia, Weber faz distinções. Sua crítica não é dirigida à corrente psicanalista em seu conjunto. Pelo contrário, ele espera muito dos trabalhos de Freud em vista

único capaz de contribuir com um ponto de vista original; talvez Otto Gross também, que infelizmente está mal de saúde”. (Sigmund Freud/Carl Gustav Jung, *Correspondance*, editado por Willia Mc Guire, tradução para o francês de Ruth Fivaz-Silbermann, Paris, 1975. Tomo I, pág. 189 ou Briefwechsel, Frankfurt am Main, Fischer, 1974, pág. 140 citado na “Introduction” por Jacques Le Rider à Otto Gross, *Revolution sur le divan*, Arles, Solin, 1988, pág.8.)

⁴ Gross não se contentava em teorizar o “imoralismo sexual”, ele o praticava com Else, na época dessa carta. Em 1906, Otto Gross e sua esposa Frieda se instalaram em Munique, e esta, que esperava um filho, pediu à sua amiga de colégio, Else Jaffe, para vir morar com ela. Else e Otto tornaram-se amantes. Else que já era mãe de dois filhos, deu à luz em 1907 a um menino que nasceu quase ao mesmo tempo que o filho legítimo de Otto. As duas crianças do mesmo pai reberam o mesmo nome: Peter. Quase ao mesmo tempo, Otto Gross, mantinha uma outra ligação com Frieda Weekley von Richtofen, irmã de Else.

⁵ O pensamento de Gross sobre essa questão evoluiu. Em 1901, ele publicou um artigo “Zur Frage der sozialen Hemmungsvorstellungen” [a questão das representações sociais inibidoras] na revista dirigida por seu pai Hans Gross (*Archiv für Kriminalanthropologisch Kriminalist*, 1901, volume 7, pág. 123-131), segundo o qual ele pensava que o criminoso deveria ser sacrificado pelo bem estar social. Em 1907, ao contrário, defendia que apenas a revolução social poderia permitir a realização individual de cada um.

⁶ Em relação ao itinerário científico e político de Otto Gross, indicamos o livro de Emanuel Hurvitz, *Otto Gross “paradies”- Sucher zwischen Freud und Jung*, Zürich et Frankfurt, Suhrkamp, 1979. Ver igualmente: Jacques Le Rider, “Introduction” à Otto Gross, *Revolution sur le divan*, Arles, Solin, 1988, pág. 5-40 e *Modernité Viennoise et crises de l’identité*, Paris, PUF (quadrige), 2000 (1a edição em 1990), pág. 160-184.

⁷ O “imoralismo sexual” de Otto Gross reforçou, no seio da *Bund Deutscher Frauenvereine*, os partidários do liberalismo moral que legitimava o amor livre e filhos fora do casamento, entre eles Helene Stöcker, que se opunha fortemente à Marianne Weber, que defendia essencialmente a igualdade no casamento, garantindo o valor ético da relação conjugal. A respeito dessas questões, conferir a introdução de Guenther Roth à tradução inglesa da biografia de Max Weber intitulada “*Marianne Weber and her circle*”: *Marianne Weber, Max Weber, a biography, translated and edited by Harry Zohn*, Oxford, transaction Books, 1988. Marianne Weber descreve as conseqüências da chegada de Otto Gross no ambiente universitário liberal de Heidelberg na sua biografia de Max Weber: *Marianne Weber, Max Weber, Ein Lebensbild*, 3 Auflage, Paul Siebeck, pág. 376-378. Esta publicou de modo mitigado a carta aqui traduzida, que pensava ser dirigida a Edgar Jaffe, o marido de Else: *Ibid.*, pág. 378-384.

⁸ Sobre essas questões ver a primeira parte da *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, de 1904, onde vemos nitidamente que a “neutralidade axiológica” não impede de modo algum a intervenção fora da esfera acadêmica. Weber, simplesmente, denuncia a confusão entre análises científicas e posições éticas.

sobre a interpretação dos fenômenos históricos e em particular sobre a história das religiões. Evidentemente, Weber critica os trabalhos de Freud, mas por outros motivos: sua casuística lhe parece inacabada e sua proposta lhe parece menos universal que a dos discípulos do psicanalista⁹. Logo, Weber se dirige, essencialmente, aos sucessores do mestre, os quais a exemplo de Otto Gross se consagram à especulação metafísica e às fundamentações de visões de mundo, ao invés de se contentar do modesto trabalho de pesquisador. Tendência que, a cada nova descoberta científica, Weber entende como uma doença infantil. Todavia, Weber não se contenta em lembrar a diferença entre ciência e valores. Esta carta não é, unicamente, um texto científico submetido à censura do universo acadêmico. O sociólogo não se priva de discutir as posições éticas de Gross. No entanto, Weber não pretende, em momento algum, fundamentar suas escolhas axiológicas sobre as análises científicas. Os valores defendidos por Otto Gross lhe parecem igualmente infantis. Otto Gross reduz a “nova ética” sã, a qual ele se vê como teórico, à “exposição de uma boa *sauvte nervosa* totalmente banal”. A “rejeição” é apenas entendida como uma repressão das necessidades nervosas espontâneas do indivíduo e gera as formações patológicas. A satisfação dos desejos de cada um não deve ser deferida sem o que o indivíduo não poderia atingir a liberdade. Qualquer outra “ética” higienista teria um preço para o homem. Ora, é essa leitura “calculista” que Gross faz dos ideais absolutos que é contestada por Weber. Para Weber, esse “higienismo” não é uma ética no sentido como entende esse termo. De fato, Weber opõe a “ética dos heróis” cujos valores cumprem as funções de idéias reguladoras da ação moral, mas que não poderiam ser realizadas, à “ética do médio” que fundamenta o dever-ser do homem sobre o seu ser¹⁰. Weber defende então uma moral kantiana retomando implicitamente a distinção entre os imperativos pragmáticos e práticos¹¹.

Wolf FEUERHAHN¹²

Centro Internacional de Valbonne

06902 Sophia Antipolis cedex

Laure de VERDALLE

Grupo de análise de políticas públicas – Departamento de Ciências Sociais

⁹ Weber contesta igualmente o ponto de vista freudiano, segundo o qual sem a análise o neurótico que mente para si mesmo não poderia se lembrar de suas ações “condenáveis”. Para Weber, uma grande parte destas pode ser lembrada imediatamente através de sua consciência.

¹⁰ Weber acusa Gross de ter retomado o que há de mais fraco em Nietzsche, seu biologismo em detrimento do que, de acordo com ele, é pertinente à sua obra de filósofo: a moral aristocrática (ver especialmente Além do bem e o Mal, capítulo IX) moral aristocrática interpretada por Simmel (*Schopenhauer und Nietzsche, Ein Vortragszyklus, Leipzig, Duncker & Humblott, 1907, kap.VIII*) de tal modo que as diferenças com a moral kantiana e cristã desaparecem. A importância de Nietzsche para a obra de Weber é fortemente debatida na literatura secundária: ver Wilhelm Hennis, *La problématique de Max Weber*, Paris, PUF (*Sociologies*), 1996, pág. 181-208; Wolfgang Schlucher, *Unversöhne Moderne*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 1996, pág. 166-185. A respeito da interpretação de Simmel da “moral aristocrática” nietzscheana e sua retomada por Weber, ver Schlucher (ibid.)

¹¹ Sobre essas questões, ver Wolfgang Schlucher, *Religion und Lebensführung*, Band 1: *Studien zu Max Webers Kultur und Werttheorie*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1988 especialmente páginas 188 a 191.

¹² Wolf Feuerhahn prepara sua tese *Expliquer l'irrationalité. Sociologie et psychologie chez Max Weber* sob a orientação de Catherine Colliot-Thélène na Universidade de Rennes. É nesse quadro que ele traduziu o ensaio epistemológico de Weber, inédito em francês intitulado *Rosher et Knies et les problèmes de logiques de l'économie politique historique* (1903-1906).

École Normale Supérieure de Cachan,
61, Av. Président Wilson
94235 Cachan Cedex

Romain MELOT¹³

Grupo de análise de políticas públicas – Departamento de Ciências Sociais
École Normale Supérieure de Cachan,
61, Av. Président Wilson
94235 Cachan Cedex

Max Weber

Carta à Else Jaffe de 13 de setembro de 1907

Heidelberg, 13 de setembro de 1907

Cara⁽¹⁾ Doutora,

Devolvo-lhe, em anexo, a cópia do ensaio de Dr. Gross com a opinião de não publicá-lo na *Archiv*, - acrescento, contudo que caso insista em sua aceitação, estarei disposto a ser posto em minoria diante de seu marido e de Sombart. Quanto a mim, não posso <-em hipótese alguma!-> votar a seu favor.

O mais simples seria que eu mesmo comunicasse ao Dr. G[ross] os meus motivos. Mas, *cui bono?* Sei perfeitamente que nesse conflito de opinião, como em *todos* os outros casos, lhe pareço apenas, *não importam* as explicações que eu lhe der, prisioneiro das “convenções” - seria por causa do tipo de terminologia à qual me detenho - ainda assim “de propósito” - e sei muito bem que minha ética lhe parecerá *necessariamente* equivalente à ética “convencional” ou a certas proposições desta última. Não posso mudar nada com relação a isso, inclusive diante de alguém cujo valor *como homem* estimo muito, o que é o caso de Dr. Gross⁽²⁾, pois isso exigiria me lançar nas <vastas> confrontações orais ou escritas, às quais infelizmente não estou - como V. Sa. sabe muito bem - em condições de me submeter. E agindo como tal, precisaria também estar pronto a ser ofensivo - preferimos todos, hoje em dia, ouvir que somos “monstros éticos <em nossas teorias>”, antes que “simples *mestres da confusão*”. Ora, Dr. Gross me parece pertencer a este grupo, - *quando se expressa fora* dos limites de sua *especialidade*, e que se deixa influenciar pelas “visões de mundo”, em suma quando assume a postura de “naturalista” e não mais de “pesquisador em ciências da natureza”. Sob o risco de passar por um fariseu (hipócrita), não apenas ética, mas também intelectualmente, minha honestidade me obriga a dizer tudo isso. Mas, naturalmente, preciso, ao menos brevemente, me explicar.

As teorias de S. Freud⁽³⁾, que conheço agora também através de seus principais escritos, evoluíram muito ao longo dos anos (como ele mesmo reconhece), mas por mais que possa

¹³ Romain Melot trabalha atualmente na tradução do texto de Weber, publicado em 1907, *Le dépassement de la conception materialiste de l'histoire selon Rudolf Stammler*.

* *NdT (da tradução em francês)*: Os itálicos e as aspas são de Weber. Os colchetes < > indicam as anotações acrescentadas pelos editores alemães no manuscrito. Os colchetes [] são as anotações acrescentadas na edição alemã.

⁽¹⁾ *Nota de Weber*: Na última vez, a senhora se direcionou a mim como: “Senhor *distinto* (!) Professor”. Se V. Sa. continua a me tratar como um “bonzo” - a quem poderia perdoar somente Senhor Dr. Gross e seus semelhantes - a ameaçarei nesse caso de me direcionar à V. Sa. como: “Sua Excelência”!

⁽²⁾ *Nota de Weber*: Espero que saiba que isto é apenas mais uma fórmula pronta.

as julgar (como um profano), ainda não alcançaram sua formulação definitiva: conceitos importantes como, por exemplo, a “abreação”, foram reencontrados há pouco, mutilados e ocultos até desaparecerem totalmente (na *Zeitschrift für Religionspsychologie*⁽⁴⁾ - digamos primeiramente que se trata de um vomitivo feito de uma mistura entre “Deus” e de <diversos> ingredientes eróticos pouco apetitosos⁽⁵⁾, como gostaria de destacar). No entanto, não há dúvida que os pensamentos de Freud podem se revelar fonte de interpretação de enorme importância para toda uma série de fenômenos que se remetem à história cultural - e mais precisamente à história das religiões e da moral - mesmo se, avaliados a partir da posição de observação de historiador da cultura, esses pensamentos têm um significado bem menos universal e deixam transparecer o cuidado, o que é compreensível e a alegria da descoberta que Freud e seus discípulos compartilham. A condição preliminar seria a criação de uma *casuística exata* de uma amplitude e de uma credibilidade tal que *não* existe atualmente, apesar de todas as afirmações proferidas, talvez dentro de duas ou três décadas. Basta acompanhar todas as modificações feitas por Freud em uma década e a que ponto, apesar de tudo, seu material ainda permanece fortemente restrito (o que é perfeitamente compreensível, e não é *de modo algum* uma crítica). Mas no lugar desse trabalho que, <por necessidade>, provém especificamente de um *especialista*, vemos os adeptos de Freud, em particular o Dr. Gross, se consagrar de um lado às especulações metafísicas - esta afirmação seria certamente *muito* mal interpretada -, e de outro, o que é pior, à questão pueril <em relação a uma ciência rigorosa>: “será que isso se come?”, isto é, não podemos com tudo isso fabricar uma “visão de mundo” de natureza *prática*? Seguramente não é um crime: *toda* nova descoberta científica ou técnica teve como consequência - que se trate de um caldo de carne desidratado ou das mais altas abstrações das ciências da natureza - cujo inventor acreditou ser aclamado por ser <o inventor de novos *valores*,> o reformador da “ética”, da

⁽³⁾ *NdT*: Foram publicadas em 1907: Josef Breuer und Sigmund Freud, *Studien über Hysterie*, Wien, F. Deuticke (*Estudos sobre a histeria*) 1895; S. Freud, *Traumdeutung*, Wien, F. Deuticke (*A interpretação dos sonhos*) 1900; *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, Berlin, S. Karger, 1901, 2. Aufl. 1904 (*Psicopatologia da vida cotidiana*); *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, Wien, F. Deuticke (*A palavra do espírito e sua relação com o inconsciente*), 1905; *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, Wien, F. Deuticke (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*), 1905; *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre aus den Jahren 1893-1906*, Wien, F. Deuticke (*Coleção de pequenos textos sobre a teoria da neurose*), 1906, estes textos foram traduzidos para o francês no começo da coleção seguinte: *Neurose, psicose e perversão*, traduzido do alemão sob a direção de J. Laplanche, Paris, PUF, 1973. Somente esta última coleção se encontra em 1907 na biblioteca universitária de Heidelberg.

⁽⁴⁾ *NdT*: Trata-se de um artigo de Freud intitulado “*Zwangshandlungen und Religionsübung*” publicado no primeiro número da *Zeitschrift für Religionspsychologie. Grenzfragen der Theologie und Medizin*, Band 1, 1908, Heft 1, pp.4-12, traduzido para o francês por D. Guéroux sob o título de “*Actions compulsionnelles et exercices religieux (Ações compulsivas e exercícios religiosos)*” em *Névrose, psychose et perversion (Neurose, psicose e perversão)*, traduzido do alemão sob a direção de J. Laplanche, Paris, PUF, 1973, pp. 133-142.

⁽⁵⁾ *NdT*: Weber faz aqui, segundo nós, referência a um artigo de Freud na qual o psicanalista sublinha “a semelhança entre o cerimonial neurótico e as ações sagradas do rito religioso”. Para justificar esta semelhança, Freud mostra que, procedendo a uma interpretação psicanalítica de diferentes ações compulsivas, percebe-se que elas também são carregadas de sentido. Verosimilmente, são estes casos clínicos que repugnam Weber. Este julgamento de valor entre parênteses não é de forma alguma uma crítica geral contra os trabalhos de Freud, nos quais ele alimenta, pelo contrário, muita expectativa para a história da religião, como indica na frase seguinte.

mesma maneira que por exemplo os criadores da fotografia colorida se acreditavam como reformadores da pintura. Não vejo nenhuma necessidade que essas roupas sujas, <das quais não podemos escapar>, fossem lavadas na nossa *Archiv. O Morgen*⁽⁶⁾ de Sombart ou o *Mutterschutz*⁽⁷⁾ os servirão certamente como regalias.

Pois se trata realmente de “roupas sujas”. O que mais teria a dizer de uma “ética” que, na terminologia de Dr. Gross, é demasiadamente indolente assumir que seu “ideal” não é outra coisa que uma *demonstração* de boa *saúde nervosa* totalmente banal? Uma ética que pretende dispensar toda e qualquer “norma” *provando* que conformar-se não é “confortável” para os nossos queridos pequenos nervos. E apesar de todos os protestos apaixonados que tal interpretação não poderia deixar de suscitar, teria que destacar que o conteúdo *ético* (NB!) dessa “nova” doutrina *não vai mais longe*: não há nada de tangível nela, absolutamente nada além dessas pequenas-burgueses. Se *toda* repressão dos desejos e dos estímulos <carregados de afetos> leva à “rejeição” - e a terminologia implica nessa afirmação absurda - e se a rejeição como tal é o mal absoluto (*soi disant* porque levaria a uma falsidade interior, ao “erro e à covardia”, - na realidade porque do ponto de vista do *especialista em higiene dos nervos*, compreende, dependendo dos casos, o perigo da histeria, da neurose obsessiva, da fobia, etc.), essa ética dos nervos deveria então <por exemplo> exortar assim o Boer que luta por sua liberdade: “fuja⁽⁸⁾, senão reprimirás teus afetos de angústia e terás que suportar eventualmente o “riso vermelho” de L. Andreiev⁽⁹⁾”. Essa ética só poderia exortar o marido <ou o amante, ou então a esposa ou a amante>, que, <na troca muito rápida de seus parceiros> sente ter um acesso de ciúmes: “deixe-os abréagirem como Otelo ou recorrendo ao um duelo ou mesmo de qualquer outra forma, tão hipócrita que seja, - é melhor ser “mesquinho” (do ponto de vista da nova ética sexual) do que combater esses acessos e de arriscar assim uma formação “delirante””. Essa ética deve <no final das contas> ter a coragem de me aconselhar a dar vazão à abreação a qualquer movimento, tão bestial que seja, de meus desejos e de minha vida pulsional - isto é, procurar uma forma de *satisfação* adequada de uma maneira ou de outra a este movimento - sem a qual meus queridos pequenos nervos deveriam sofrer danos. Eis o que é de fato o puro ponto de vista <- bem conhecido> de uma medicina boçal!

Será que me mostro injusto em relação à teoria de Dr. Gross? - Mas na página 9 (no meio) de seu ensaio, encontro *expressis verbis* a frase sobre os “sacrifícios” do *preço* da adaptação (isto é, a repressão dos “desejos” na perspectiva do respeito às “normas”), e

⁽⁶⁾ *NdT: Morgen. Wochenschrift für deutsche Kultur.* Esta revista foi fundada por Werner Sombart, Richard Strauss, Georg Brandes, Richard Muther com a colaboração de Hugo von Hofmannstahl em julho de 1907.

⁽⁷⁾ *NdT: Mutterschutz. Zeitschrift zur Reform der sexuellen Ethik.* Esta revista é o órgão do *Bund für Mutterschutz* dirigida por Helene Stocker, que se opunha, por seu radicalismo, à Marianne Weber no seio do *Bund Deutscher Frauenvereine* (veja acima: Apresentação da carta).

⁽⁸⁾ *Nota de Weber:* O que significa em termos “técnicos”: “seja covarde” no sentido *convencional*, deixe os afetos de indolência “abreagirem” escapando rapidamente, para evitar de se tornar “covarde” no sentido eminentemente moderno e neurológico de Dr. Gross, isto é, reprimir estes sentimentos e os transforme tão “inacessíveis à consciência” - que faz muito mal e é imoral.

⁽⁹⁾ *NdT: Léonid Andreiev (1871-1919)*, autor russo de tendência nihilista e decadente, que conheceu um grande sucesso na Europa no começo do século XX. *O riso vermelho* (tradução alemã: 1905) relata os danos que a obrigação de matar provoca nos soldados, perseguidos pela imagem obsessiva de suas vítimas, que aparecem numa figura vingativa e aterrorizante de cadáveres enfeitados de um “riso vermelho”.

esses “sacrifícios” são precisamente *em termos de saúde*. Antes de agir como acredito ser correto para a minha dignidade humana, exigir-se-á <precisamente de mim, em outros termos>, a mesquinha de calcular “quanto custa?” e de me submeter à autoridade do *neurologista*, para saber se o valor ético de minha ação vale o “preço”. Isto feito, nos encontramos confrontados à seguinte afirmação ridícula: esses “preços” (as possíveis “rejeições”, com suas conseqüências para a higiene) surgiram somente como resultado de minha crença em valores *absolutos*. <(página 9)>. Mas tenho profundas dúvidas se o Dr. Gross teria conhecimento (fosse mesmo confuso) do que significa efetivamente “crer em valores absolutos” ⁽¹⁰⁾ - mas passemos. Entretanto, é fundamental que uma ética “relativista” que se quer “idealista”, tão logo ela pede ao homem <concreto> *querer* um valor que seja *válido* in concreto *para si mesmo*, e <digamos> *somente* para si mesmo, *somente* <agora> *nessa* situação, <(portanto um valor “relativo” e “subjetivo”)>, é portanto fundamental que tal ética conduza exatamente às *mesmas* conseqüências <em termos de “higiene”>. A menos que o “relativismo” consista em o que o indivíduo deve deixar de lado seu “ideal” “relativo” toda vez que a busca desse último lhe custe algo, isto é <talvez em termos de higiene> pode lhe irritar. *Isso* seria na verdade um tipo de “idealismo” de botequim que eu não poderia aceitar, que, sem dúvida alguma, Dr. Gross não faria na prática. <Qualquer que seja seu conteúdo *material*>, podemos dividir todas as éticas em dois grandes grupos. De uma parte, aquelas que impõem ao homem <no plano principal> as exigências que geralmente não poderiam satisfazer, exceto em momentos de auge de sua existência, alvo de suas aspirações que, situadas no infinito, orientam sua ação: é a “ética dos heróis”. De outra, aquelas que são suficientemente “modestas” para aceitar a “natureza cotidiana” do homem como o máximo de suas exigências: é a “ética do médio”. Parece-me que somente a primeira categoria, “ética dos heróis”, pode carregar o nome de “idealismo”. Nessa categoria pertencem tanto a ética do cristianismo antigo, em sua plenitude, como a de Kant. Todas as duas são fundamentadas na condenação pessimista, <medida nos palmos de seus ideais>, da “natureza” do indivíduo <comum>, e os “desvendamentos” freudianos, oriundos do plano do “inconsciente”, *não* podem acrescentar sabe-se lá o que mais de “terrível”. Mas na medida em que “a ética psiquiátrica” impõe apenas a exigência seguinte: “confesse a si mesmo o que “é” e o que quis” - ela não traz absolutamente nenhuma *nova* exigência ética. O *confessor*, <“a cura das almas” e > o sermão à antiga não visavam uma tarefa diferente dessa e os procedimentos da cura freudiana não são nada mais do que a retomada da *confissão* - com uma técnica ligeiramente diferente. Salvo que a finalidade aqui é *ainda* bem menos “ética” do caso das indulgências de Tetzel⁽¹¹⁾. Para aquele que mente a si mesmo, <quer enganar-se> e que desaprendeu a recordar de coisas que deveria ter vergonha em sua vida e que *pode* muito bem, quando quer, em grande parte facilmente re-encontrar - isto dito *contra* Freud - , se deitar durante seis meses (um período *mínimo* segundo Freud!) no divã e deixar as vivências “infantis” ou vergonhosas que reprimiu, voltar a sua consciência, não lhe seria de nenhuma ajuda *ética* - (NB!) sempre no confessor secreto do médico! (em relação ao aspecto *higiénico* da coisa, o que não faz parte dessa discussão, sendo franco,

⁽¹⁰⁾ Nota de Weber: Sabemos que não se pode explicar suficientemente, com precisão, em uma ou duas cartas ou em uma ou duas discussões.

seria muito mais duro e problemático para mim). As curas de Freud podem ter, para ele, um valor *higiênico*, - mas não vejo o que poderia ganhar no plano ético, se eu pudesse reviver <por exemplo> qualquer extrapolação sexual ou um comportamento obsceno que a empregada⁽¹²⁾ tivesse, digamos, cometido comigo, que teria <“rejeitado” e > “esquecido”⁽¹³⁾. Por que reconheço *en bloc*⁽¹⁴⁾ - e sem ter aí o sentimento de alguma coisa “horrrível”, que absolutamente nada do que é simplesmente humano seria e tem sido estranho a mim, - <portanto> não descobriria *em principio* nada de novo.

Mas essa não é a questão e digo somente para chamar a atenção que o imperativo categórico: “Vá ao consultório de Freud ou ao nosso, de seus discípulos, para descobrir a *verdade* histórica sobre você e suas ações” é o *único* postulado *ético* que estou em condições de desvandar nesse ensaio e que é dito com brutalidade sob o risco de se passar por um “covarde” - este imperativo categórico não só trai da parte do psiquiatra e do “*directeur de l'âme*”⁽¹⁵⁾ profissional, na sua versão moderna, um “espírito de capela” bastante pueril, mas também se deprecia totalmente no plano “ético” pela mistura fatal que ele opera com as motivações puramente “higiênicas”. Desse ensaio *moralizador* de A a Z, não posso extrair <como disse> nenhum outro postulado prático que o “dever de conhecimento de si sob assistência psiquiátrica”. Onde se encontra apenas o mínimo traço de alusão ao conteúdo destes valores novos, relativistas e *entretanto ideais* (NB!), os quais se devem fundamentar a crítica de valores “antigos”, “senis”? Nós os procuraremos em vão. Por bons motivos: cada tentativa de esboço os exporia à *crítica* e mostraria que o problema (incluindo os perigos da “repressão”), longe de estar resolvido, é somente postergado. Uma ética *idealista*, que exige então “sacrifícios”, que ademais não exclui a *responsabilidade*, não poderá nunca, de modo geral, produzir outros resultados. Não se trata, portanto de criticar uma ética a partir de um fundamento *externo* aos seus próprios ideais, - sem a qual nos colocamos no plano da redução mesquinha de “custos”, e o ideal se torna então inevitável, como dizia, de exibir uma saúde normal e ser filisteus da macrobiótica, sob o controle medicinal.

Se Dr. Gross lesse o que escrevi (o que espero não acontecer)⁽¹⁶⁾, pensaria sem dúvida que suas idéias foram apresentadas de maneira terrivelmente “trivial”. Certo! Transpuz deliberadamente para o nosso caro alemão “vulgar”. Mas se elas parecem triviais, problema dele; é a consequência da confusão que ele faz entre um trabalho de pesquisa empírica de detalhe e um reformador entusiasta dos mais barulhentos. Esse ensaio no seu conjunto desaba literalmente sob o peso de puros julgamentos de valores e não tenho realmente nenhum respeito para uma suposta contribuição em ciências da natu-

⁽¹¹⁾ *NdT*: Johannes Tetzl (1465-1519). Dominicano alemão que pregara ativamente em favor das indulgências. Foi contra este que Luther afixara suas teses na porta da Igreja de Wittenberg.

⁽¹²⁾ *Nota de Weber*: Os exemplos de Freud!

⁽¹³⁾ *NdT*: Freud atribui papel central aos traumatismos sexuais oriundos de seduzões na pequena infância. Ver por exemplo na “Novas percepções sobre as psiconeuroses de defesa”: “Entre as pessoas culpadas de tais abusos de graves consequências, temos em primeiro lugar as babás, as governantas e outras domésticas, às quais se confia as crianças se preocupar suficientemente. Este texto foi publicado por Freud no *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre aus den Jahren 1893-1906* (1906) e traduzido por Jean Laplanche em *Neurose, psicose e perversão* (1973).

⁽¹⁴⁾ *NdT*: Em francês no texto.

⁽¹⁵⁾ *NdT*: Em francês no texto.

reza que não satisfaça à exigência da sobriedade e da objetividade, em suma, que não seja “ultrapassada de valores”⁽¹⁷⁾.

Essa crítica⁽¹⁸⁾ se refere a *esta* contribuição específica, - sei muito bem como são avaliados por pessoas qualificadas os outros trabalhos do mesmo autor. Ela não se refere absolutamente - digamos claramente - sobre a pessoa do autor e seus traços específicos. O fato não compartilhar nunca da mesma linguagem não me levaria a desconhecer, segundo minha breve impressão⁽¹⁹⁾ e segundo seus relatos⁽²⁰⁾, sua natureza aristocrática, que é sem dúvida um dos mais amáveis que poderíamos encontrar hoje em dia. Mas a nobreza de seu carisma pessoal e seu “acosmismo” do amor⁽²¹⁾ agiria de modo bem *mais pura* se este último, que o saúdo de malgrado, não estivesse recoberto sob a poeira de um jargão de especialista e de uma higiene de nervos confinada no espírito da capela, etc. etc., e se o autor tivesse a *audácia* de ser o que ele é, - sem dúvida algo de diferente e de melhor que um epígono de Nietzsche. E ainda, não um epígono do que há de mais resistente em Nietzsche; a moral aristocrática⁽²²⁾, mas as partes *mais fracas* de Nietzsche, os complexos adornos biológicos, que ele acumula entorno de um centro completamente moralista de sua doutrina. Somente esta veia moralista e nada mais justifica o parentesco interno destes.

Pois uma *especialidade* científica é uma técnica, ensina os meios *técnicos*. Mas lá onde debatemos valores, o problema se encontra projetado num outro nível de espírito, onde a ciência é ausente; mais precisamente, entramos num questionamento totalmente heterogêneo. Nenhuma especialidade científica e nenhum conhecimento científico, tão importante que seja, - e coloco, claro, as descobertas de Freud nessa categoria, se elas se confirmam definitivamente -, não está livre de uma visão de mundo. Entretanto: um ensaio, que se quer um sermão - e que é um sermão ruim -, não tem lugar numa revista científica especializada. Eis as razões sobre as quais se baseiam meu voto⁽²³⁾.

⁽¹⁶⁾ *Nota de Weber*: Mas confio em V. Sa. se acredita que isso seja útil. A questão é: possuiria ele senso de humor? (Tenho dúvidas! Os moralistas não possuem!)

⁽¹⁷⁾ *NdT*: Traduzimos deste modo a palavra *wertfrei*.

⁽¹⁸⁾ *Nota de Weber*: Se V. Sa. pensa ser arrogante - além do aspecto necessariamente superficial -, então por favor releia mais uma vez o ensaio que critico. Não entendo porque eu deveria ser o primeiro a descer do alto do meu cavalo de batalha, quando deliberadamente nos engajamos num torneio.

⁽¹⁹⁾ *NdT*: Max e Marianne Weber conheceram Otto Gross na casa dos Jaffe em 23 de abril de 1907. Veja: Cartas de Marianne Weber a Helene Weber de 23 de abril de 1907 (Bestand Max Weber - Schafer, Deponat BSB Munchen, Ana 446).

⁽²⁰⁾ *NdT*: Sobre as relações eróticas entre Else Jaffe e Otto Gross na época, conhecidas por Max Weber, veja nossa apresentação.

⁽²¹⁾ *NdT*: Weber designa dessa forma a crença extra-mundana que acompanha somente a exigência do amor e desconhece a realidade. Ver “*Considération intermédiaire: théorie des degrés et des orientations du refus religieux du monde*” em *Sociologie des religions*, Paris, Gallimard, 1996, trad. J.-P. Grossein, pp. 420-421, 430-431.

⁽²²⁾ *NdT*: A moral aristocrática faz aqui referência às análises nietzscheanas (veja notadamente: *Par-delà bien et mal (Além do bem e do mal)*, capítulo 9). Mas esta referência nietzscheana é lida através do prisma da interpretação por Simmel (*Schopenhauer und Nietzsche. Ein Vortragszyklus*, Leipzig, Duncker & Humblot, 1907, capítulo VIII) que assimila de maneira surpreendente as morais nietzscheana, cristã e kantiana.

⁽²³⁾ *Nota de Weber*: Me vejo na obrigação de voltar à minha crítica inicial. Seria fazer prova de fraqueza de aceitar de me subme